

APÊNDICE

Como se faz Cinema

PARTE 1 – Funções e Equipe

O Cinema é antes de mais nada uma arte coletiva. Não se faz cinema sozinho. Para todos aqueles que gostam de lidar com imagens mas preferem o trabalho solitário, podem escolher à vontade outras artes, que sem dúvida não deixarão de suprir necessidades similares. Temos a fotografia, a pintura, a escultura, o design e até a literatura, se considerarmos que as palavras geram imagens em nossa mente (e a imensa maioria dos filmes são adaptados de originais literários). Mas, uma vez escolhida atividade cinematográfica, é fundamental ter em mente que iremos trabalhar com muitas pessoas e que não podemos nos prender a rotinas ordinárias do dia-a-dia.

Para tanto, embora possa parecer óbvio, é sempre bom lembrar que, para se fazer cinema, é preciso estar imbuído da vontade de fazer cinema. Isso deve ser dito porque, como o fascínio e o poder que as imagens do cinema geram nos espectadores é muito grande, não pensamos que assistir cinema é muito diferente de fazer cinema. Muitas vezes somos impelidos a querer mostrar nossa própria concepção da vida ou de um aspecto dela através do cinema, sem nos darmos conta, conscientemente, que este é um processo complexo, que exige não apenas um domínio técnico, mas também – e principalmente – paciência, perseverança, responsabilidade, respeito e, acima de tudo, humildade.

Cada um deve, dentro da função que escolheu, exercê-la da melhor maneira possível, independente do que os outros, de mesma ou de outra função, possam estar desempenhando numa determinada produção. Pois é um erro pensar que a culpa é sempre de algum contexto externo, da produção, do roteiro, do diretor, do bispo, da morte da bezerra. Imprevistos sempre haverá, e faz parte deste pacote considerar alternativas em caso de impossibilidades de realização. Cada um é responsável pelo filme tanto quanto o outro, e é justamente por isso que é bom lembrar a razão pela qual escolhemos fazer cinema. É desta razão que devemos estar cientes e nos auto-referir a cada produção, para que, nas mais complicadas, não percamos de vista nosso objetivo principal e nem a qualidade de nosso trabalho. Quando essa razão é esquecida, corre-se o sério risco de ter a qualidade do trabalho igualmente esquecida na primeira frustração profissional.

E outras palavras, o bom andamento de um filme depende menos do preparo técnico de sua equipe do que da boa vontade de todos em fazer o melhor. E é preciso dizer: o cinema exerce sobre as pessoas um fascínio tão grande que por vezes acreditamos que se trata de um mundo mágico. Nada mais falso, do ponto de vista de quem está do lado de trás das câmeras. E por isso, não custa lembrar que essa boa vontade não parte de uma entidade abstrata e indiscernível que paira no ar, parte da responsabilidade individual de cada um. Isso fará do coletivo uma boa equipe.

A Divisão da Equipe

Uma produção cinematográfica, como já mencionamos, é necessariamente coletiva, e, portanto, as tarefas devem estar muito claras e os objetivos muito bem definidos. Mas que tarefas são estas? Existem, claro, inúmeras funções no cinema, cada uma delas responsável por uma determinada faixa de atuação, uma necessidade frente a um contexto específico – o filme – e que variam em certa medida de acordo com o caráter da produção. Entretanto, há certas funções que são básicas, e que sem a qual não se faz cinema, pois são de necessidade primordial. São elas:

- Direção
- Produção
- Fotografia
- Arte
- Som
- Montagem e Finalização

Com exceção do montador que, dependendo da produção, pode trabalhar sozinho, todas as demais funções pressupõe equipes, cujo número de integrantes também é variável de acordo com a necessidade e/ou disponibilidade da produção. Mas, em linhas gerais, uma equipe funciona com uma média de 3 integrantes, sendo um diretor e dois assistentes. Designamos o diretor de um filme por esta função – Diretor – e os demais, por Diretores Técnicos.

Funções das Equipes de Cinema

1.DIREÇÃO

O diretor de um filme é responsável pelo resultado final de um conjunto chamado cinema. O papel de diretor começou com o próprio realizador. No início do cinema, ainda por volta dos primeiros anos do séc.XX, não havia nenhum contingente técnico disponível, e quem tivesse vontade de filmar, deveria tomar todas as iniciativas para tal. Os diretores então escreviam suas próprias histórias, produziam, filmavam, às vezes atuavam e também montavam o filme. Algum tempo depois, quando Hollywood entrou em cena como pólo de produção de cinema, os filmes ganharam outra função, que acabou por se tornar uma espécie de monarquia do cinema: o produtor.

O produtor, por ser quem financiava os filmes, escolhia os roteiros, os artistas, e até o diretor, que se tornava mero técnico, tanto quanto os demais. Mas na Europa foi um pouco diferente. Como não existia uma produção industrializada, o diretor continuou sendo o grande realizador, o artista que usava o cinema como meio de expressão. Os primeiros grandes diretores, com exceção de D.W.Griffith e Edwin Porter, foram europeus.

O Diretor tem, portanto, seguindo o raciocínio europeu, a responsabilidade do projeto. Ele deve conhecer perfeitamente todos os detalhes do roteiro, estudá-lo num storyboard, e ter previamente uma imagem feita de cada plano, que no conjunto dará significado à sua obra.

Além do mais, deve conhecer detalhadamente cada função técnica do cinema, e saber o que pode extrair de cada uma com o orçamento que tem. Deve ter uma cultura literária, musical e dramática elevada, ou pelo menos condizente com o resultado que quer obter do cinema, pois tudo servirá como referência em sua criação, mas também para poder escolher a melhor trilha sonora e a melhor forma de extrair a dramaticidade desejada de seus atores. Conhecimento de técnicas de fotografia serão muito úteis na agilidade do processo, pois saberá com mais precisão o que quer do fotógrafo. A noção geral da narrativa dará a ele segurança para supervisionar a montagem, e encaixar depois todos os elementos de pós-produção, como efeitos, fusões, ruídos e música.

O trabalho do diretor é árduo, pois dele todos da equipe esperam segurança, tanto na escolha dos planos como na condução da filmagem tecnicamente falando. Ele deve saber até onde vão suas limitações técnicas frente à verba e/ou possibilidades com o equipamento disponível, para que não peça coisas impossíveis e crie um pesado ambiente de discórdia no set (quando todos procuram culpados, o caos está instalado). Da mesma maneira, deve avaliar até onde seu pedido está sendo atendido pela equipe de diretores, fotografia, arte e produção, para deixá-los à vontade com a margem de criação pessoal de cada técnico, sem que, também, seu trabalho seja autoritário e extravagante. É necessário senso de medida apurado, que só se obtém quando se está totalmente imerso num projeto.

O diretor é um criador que está lidando com um conjunto de artes que confluem para uma resultante de imagens, e por isso deve atentar para itens relacionados à filosofia da arte e teorias da estética. Deve escrever sempre que possível, para treinar a coerência narrativa, e exercitá-la no cinema, fazendo experiências de propósito bem definido. Deve aprender a refinar o olhar poético que tem do mundo, como forma de aprimorar sempre sua linguagem, para que possa contribuir com informações diretas e metafóricas, efetivando assim a criação artística.

O diretor costuma ter 2 assistentes: o primeiro assistente o segundo, este por vezes também conhecido como continuista. O primeiro assistente é seu braço direito, que conhece o roteiro tão bem (ou até melhor) que é capaz de dizer sem pestanejar qual plano será rodado em seguida, bem como quais são os atores, e qual a intenção dramática daquele plano. Isso é apenas uma

forma de lembrar o diretor para que ele não se esqueça da linha narrativa do filme, e não se perca com detalhes que poderão mostrar-se incoerentes. O primeiro assistente ainda confere o tempo de cada plano através de um cronômetro e preenche um boletim de controle. O segundo assistente por vezes é quem preenche este boletim, mas sua principal atividade é o cuidado com a continuidade. Isso significa que ele deve estar atento a cada plano para que o plano seguinte a este no filme, por mais que seja filmado outro dia, tenha as mesmas características de cenário, figurino, objetos de cena, maquiagem e iluminação. Quando a produção é muito grande, pode-se ter até 3 assistentes de direção, o terceiro sendo exclusivamente continuista.

Outra função da equipe de direção é o casting, ou escolha do elenco. Essa modalidade no Brasil é pouco explorada, e em geral é resolvida pela produção e direção, mas há uma função específica para isso, mais comum no cinema americano, e que se preocupa exclusivamente com a escolha e o contato com o elenco. Em cinema publicitário seu uso é constante.

No cinema em que o diretor é o autor, ele é o responsável pelo filme e pelo resultado, e deve zelar para que ambos confluem harmonicamente, segundo sua estética.

2.PRODUÇÃO

Como Produtor em cinema, pode-se entender de três maneiras principais: O Produtor, propriamente, o Produtor Executivo, e o Diretor de Produção. O primeiro é o dono do estúdio, no caso do cinema comercial, ou quem banca financeiramente um filme, no caso do cinema artístico.

O Produtor executivo é o administrador da verba, do dinheiro disponível, e que sabe exatamente todos os custos do filme para direcionar melhor a produção durante as filmagens. O Diretor de Produção é o que gerencia as necessidades práticas de um filme. É ele quem entra em contato com as locadoras de equipamentos, os laboratórios, as locações, os atores e a equipe técnica, procurando sempre a melhor opção para o resultado que o diretor espera. O diretor do filme deve ter estreitas relações com o diretor de produção para poder saber o que é viável a partir do orçamento, pois quem pedirá mais dinheiro ao produtor executivo, é o diretor de produção. Ele organiza, junto com sua equipe, o set de filmagem, providencia alimentação, cadeiras e conforto para a equipe e atores.

O diretor de produção recolhe de cada diretor (fotografia, arte e o do filme), uma lista com todo o material necessário para cada função preencher as suas necessidades, construir um orçamento e, a partir da aprovação pelo executivo, mobiliza sua equipe para conseguir tudo o que for necessário. É tarefa dele também sentar com o diretor para organizar o cronograma de filmagem e zelar para que ele seja cumprido. O diretor de produção deve conhecer o roteiro sistematicamente, para poder avaliar as condições de ordem de filmagem, e poder substituí-las caso algum inconveniente atrase determinada cena.

Em suma, o produtor é o responsável pela andamento prático do filme. Mais do que o próprio diretor, o diretor de produção é quem sabe mais o que está acontecendo ao redor do filme.

Existe ainda uma subdivisão na direção de produção, que é o produtor de set, encarregado de tudo o que compõe o set de filmagem, enquanto o diretor de produção está atrás de uma nova locação, por exemplo. Produzir é uma tarefa muito desgastante e que requer muita organização, pois são muitos fatores de preocupação para garantir a realização do filme.

A equipe de produção em geral tem muitos assistentes. Mas os chamados Assistentes de produção são, de maneira genérica, assistentes de qualquer coisa no filme. Isso porque numa produção cinematográfica muita coisa acontece ao mesmo tempo, coisas para ser resolvidas paralelamente a outras cuja importância não se pode hierarquizar; por isso, é muito frequente o deslocamento de membros da equipe de produção para outras equipes, com esse intuito. O mais comum é na equipe de arte, em que um assistente de produção poderá ir buscar ou procurar objetos de cena específicos, comprar a tinta que acabou num momento crucial, etc. Mas o assistente de produção poderá ir comprar uma lâmpada que queimou (para a equipe de foto) ou trazer e levar o ator convidado (para a equipe de direção).

3.FOTOGRAFIA

O Diretor de Fotografia, DF ou simplesmente fotógrafo, é o responsável pela imagem de um filme. Em inglês, apesar de existir o termo 'Director of Photography', há uma tendência moderna em chamá-lo 'Cinematographer', pois a imagem captada por ele é a própria imagem do cinema, e aqui também por vezes é usada essa expressão, 'cinematografia' (a fotografia de cinema) e 'cinematografista' (o fotógrafo). Como todo o filme é uma projeção de imagens fotográficas, sua participação confunde-se com o próprio ato de fazer cinema, e daí o uso dessas expressões.

O resultado estético do filme no que diz respeito à imagem captada e projetada é de concepção, criação e realização dele junto com sua equipe de trabalho. Ele deve participar das reuniões de pré-produção com o diretor, produtor e diretor de arte, afim de que as diretrizes estéticas sejam estabelecidas e ele então possa designar os melhores técnicos, equipamentos e materiais sensíveis (filmes) para que o resultado seja condizente com a proposta do filme.

O diretor de fotografia trabalha sempre com uma equipe personalizada, pois a harmonia entre seus membros é fundamental para que a filmagem seja rápida e eficiente. Estes membros incluem, normalmente em longa-metragem e filmes publicitários, dois assistentes de câmera, um assistente de iluminação, eletricista e maquinista. Este número pode variar de acordo com o tamanho e a verba da produção, sendo que em curta-metragens em geral só há necessidade de um assistente de câmera.

O fotógrafo é o responsável por todo o design da luz do filme, ou seja, ele concebe as características estéticas dos tipos de iluminação para cada plano, bem como eventuais efeitos de filtragem na luz (gelatinas nos refletores ou filtros na câmera), para obter colorações específicas na luz ou mesmo balanceá-las; considera as relações de contraste da luz e do filme e escolhe qual a exposição correta para cada plano filmado. Participa também ativamente da pós-produção do filme, fazendo o que se chama marcação de luz, ou seja, quando o filme está pronto e será feita a primeira cópia completa, ele vai ao laboratório e marca todos os planos com determinada filtragem, a fim de balancear todas as luzes e cores para que a cópia não saia desigual (isso acontece porque os planos são filmados com situações adversas e diferentes de luz e/ou filmes, e as cópias de cada rolo apresentam diferenças marcantes na luz e na cor). Depois a cópia é projetada, e só é liberada para exibição pública com a aprovação dele.

Nos EUA, ainda existe uma outra função, a do operador de câmera. Neste caso, o fotógrafo faz apenas o design do luz, escolha dos equipamentos, filmes, indica a exposição e eventuais filtrações, mas não opera a câmera. No Brasil isso é pouco freqüente, sendo que na grande maioria dos casos o fotógrafo também opera a câmera. Se for este o caso, o primeiro assistente é responsável pela limpeza e manutenção do equipamento (como objetivas, chassi e da própria câmera), checagem completa da câmera (baterias, limpeza dos filtros), e dos atributos dela para cada plano (velocidade de exposição, abertura do obturador e diafragma, filtros, bem como correção de foco, correção de zoom e verificação da profundidade de campo). Em suma, o primeiro assistente é o braço direito do fotógrafo, está sempre com ele e conhece profundamente o equipamento que utiliza, assim como o roteiro, auxiliando o fotógrafo prática e esteticamente. O segundo assistente é o responsável pelo transporte e guarda dos equipamentos e filmes, montagem dos tripés e praticáveis, bem como a troca do filme no chassi e a anotação das informações no boletim de câmera.

A equipe de iluminação (ou o assistente) e maquinaria (maquinistas, responsáveis pela preparação e operação de guias, travellings, etc., e eletricistas), são requisitados apenas durante o andamento das filmagens, para efetivamente montar e ligar as luzes e os acessórios de câmera, guias, travellings, dollies, etc...), conforme indicação do DF ou seus assistentes.

A equipe de fotografia, por seu papel de máxima importância, deve estar sempre atenta e interessada, ter afinidades entre si e com os demais membros da equipe de filmagem, pois todos os problemas da produção passam, em maior ou menor grau, para a tela se não forem bem administrados.

4. ARTE

A equipe de Arte costuma ser maior que as demais. Isso porque existem muitas funções adjuntas, que trabalham paralelas e que se denominam genericamente a Arte de um filme. Mas, em linhas gerais, elas são constituídas principalmente pela cenografia (cenários em estúdio ou preparação de locações), adereços (objetos de cena), pelo figurino (roupas e acessórios que os atores vão utilizar) e pela maquiagem. Existem técnicos especializados em cada uma destas funções, e que numa produção, estão subordinados a uma concepção estética geral que é administrada pelo Diretor de Arte. Ele, a partir das idéias do diretor, irá desenvolver uma estética, uma linha estilística que guiará o filme dará as diretrizes para cada uma das instâncias supracitadas.

Cada uma destas partes é por vezes tratada em separado, porque nem todas são absolutamente obrigatórias em todas as produções, apesar de serem bastante frequentes.

A cenografia passa por ser a mais utilizada das funções da Arte, e é constituída por tudo aquilo que compõe um ambiente onde se passará a ação do filme. Existem dois tipos básicos de ambientes, do ponto de vista cenográfico: Estúdio e Locação. O primeiro é aquele em que se constrói um cenário ou um ambiente, um grande local fechado, em geral um galpão ou estúdio de grandes proporções. O segundo são localidades pré-existentes, casas, apartamentos, ruas, estradas, praia, etc..., ambientes naturais que a cenografia tem apenas que decorar. A vantagem do primeiro é o controle total sobre a luz e a disponibilidade de passar muito tempo seguido com o cenário à disposição, e a vantagem do segundo é simplesmente não precisar construir cenários. Se este ambiente for natural, como praia, campos, ruas, locações em geral, o cenógrafo e o diretor de Arte apenas trabalharão no sentido de escolher uma paisagem que melhor corresponda às necessidades estéticas do filme. Agora, se estiverem trabalhando em estúdio, em que é preciso montar uma cenografia, criar um ambiente, aí então temos o papel do cenógrafo em pleno desenvolvimento de suas faculdades criativas. O cenógrafo desenhará uma planta dos ambientes a serem construídos, fará uma lista do material necessário para construção e acabamento e, com a ajuda de cenotécnicos (cujo número varia com a complexidade do cenário), constrói o ambiente cenográfico, desde as paredes, portas, janelas, até a mobília, eletrodomésticos, quadros, enfeites e decoração em geral. Obviamente, se o cenógrafo não for o diretor de arte, ambos devem estar em acordo.

O aderecista, responsável pelos objetos de cena, é uma função que se encaixa mais no quesito produção do que direção de arte propriamente, pois a ele é incumbido o trabalho de achar e cuidar do objetos usados nas filmagens, mas cuja decisão de qual objeto é mais apropriado recai sobre o Diretor de Arte e o próprio Diretor do filme. O figurino é uma outra instância bastante específica, e uma das funções mais importantes da direção de arte. O figurino de um personagem é um índice que resume com propriedade o caráter, o estilo, o histórico de vida, bem como o hábito e os costumes deste personagem. Assim, é de suma importância que o figurino seja bem orientado; através dele é possível suprimir muita informação que tomaria tempo narrativo na tela, e que o espectador tem acesso apenas pela modo de vestir da personagem. Quando se trata de filmes de curta-metragem, em geral as roupas são emprestadas de brechós, lojas ou até particulares, mas em produções de longa-metragem e publicidade (em alguns casos), em geral há uma equipe de costureiras, camareiras e guarda-roupas, responsáveis pela manutenção e conservação de todo o figurino. É mais comum encontrar estas funções em filmes de época, que requerem cuidados especiais no tratamento do figurino.

A maquiagem é uma instância também importante e que se apresenta em vários níveis de complexidade. Em geral qualquer produção precisa de pelo menos alguém incumbido de passar uma base no rosto dos atores, pois o suor causado pelo calor dos refletores por vezes gera um brilho excessivo. Alguns diretores de arte consideram este brilho natural e deixam-no aparecer. De qualquer forma, há filmes em que isso é o mínimo, outros em que há necessidade de um trabalho mais aprimorado, como filmes que se passam em festas, alguns lugares específicos (circo, teatro, etc.), e temos, logo depois destes em escala de complexidade, os filmes de época, que são bons exemplos do uso pleno de todos os recursos de maquiagem. Em geral é preciso recriar estados de doença ou bem-estar, visível no rosto dos atores, além de intenso trabalho de cabelereiro, trabalhando em conjunto com o figurino.

Por último, a maquiagem criativa, possível e mais comum nos filmes de ação, principalmente nos gêneros de terror e ficção científica. Nestes, não apenas há necessidade de maquiagem com sangue, membros decepados, miolos estourando, mas também máscaras, luvas e acessórios que por vezes confundem-se com o figurino, obrigando o trabalho conjunto de todos os setores da direção de arte.

A direção de arte numa grande produção, por ter um número elevado de sub-diretores, técnicos e estagiários, é a que tem maior dificuldade de se manter unida e coesa. Muitas vezes, numa produção mais barata, os próprios técnicos envolvidos – e até mesmo a direção – precisam fazer as vezes da produção e ir atrás dos materiais necessários para viabilizar o filme. Levando-se em conta a máxima importância de cada uma destas funções supracitadas, é fundamental que esta grande equipe seja harmônica e cada um de seus membros tenha como único objetivo servir ao filme da melhor maneira possível.

5.SOM

Uma vez que não se faz mais filmes mudos desde 1927¹, o técnico de som em algum momento com certeza entrará na produção. O que pode ocorrer é ele não estar presente durante as filmagens, pois há duas maneiras de colocar som no filme: A primeira é o som direto, captado com um gravador profissional de fita ¼' chamado Nagra, um DAT (Digital Audio Tape) ou ainda som digital gravado em cartões de memória, no exato momento da filmagem. Todos os sons (ruído, música, diálogos) serão captados e estarão em sincronismo perfeito com a imagem (na parte técnica há mais detalhes sobre isso).

a Segunda é o som feito depois da filmagem, na pós-produção, e que é reproduzido num estúdio de som, através da dublagem dos atores e dos ruídos de ambiente recriados. Algo como sonoplastia das antigas novelas de rádio. Há uma comédia italiana, "Ladrões de Sabonete", de Maurizio Nichetti, que mostra bem como são reproduzidos estes sons.

Normalmente, o som direto é preferido, por não precisar recorrer ao ator 2 vezes (uma para filmar e outra para dublar), e também por agilizar o processo de finalização do filme. Mesmo assim, há situações em que é necessário dublar, ou quando a locação não permite o som direto (barulho excessivo), ou ainda quando o filme é de baixo orçamento e a câmera utilizada não possui motor de quartzo (que mantém a velocidade constante e permite o sincronismo com o Nagra ou DAT), e ainda faz barulho. Aí é necessário fazer dublagem.

De qualquer maneira, o som no produto final, no filme terminado, é uma das últimas etapas a ser finalizada. Inclui a produção e/ou gravação de trilha sonora, inclusão de ruídos específicos, mixagem e transcrição (ver técnica). Neste caso, por vezes há ainda um outro técnico encarregado apenas desta etapa.

Considerando uma produção com som direto, normalmente a equipe de som é a mais sintética, necessitando de apenas duas pessoas: o técnico e o microfonista. O primeiro é o que seria equivalente ao 'Diretor de Som', que escolhe os melhores tipos de microfones para cada situação, a melhor maneira de gravar, sabe que ambientes precisam de tratamento acústico, ouve reverberações incômodas e procura saná-las, conhece os melhores equipamentos e sabe designar qual é o mais apropriado para cada produção.

O segundo é o seu assistente, e que normalmente tem a função de segurar uma comprida vara chamada 'boom', em que se coloca um microfone na ponta para acompanhar os atores em seus movimentos. É preciso tomar cuidado para não deixar o boom entrar em quadro, ou seja, aparecer na tela.

O som, embora fundamental em qualquer produção, aqui no Brasil é tratado com certo desdém, muito pela verba do filme ser excessivamente utilizada na qualidade da imagem, esquecendo o produtor o mais das vezes que o som de um filme também é caro e não menos importante. Em geral, no fim de uma produção, ao mesmo tempo em que o som será finalizado e terá sua qualidade final decidida, a verba do filme também está no fim (quando não, acabada), e as produções costumavam não dar o devido tratamento, com cuidado e esmero ao som (a culpa costumava cair, para o leigo, no técnico de som, mas que fique claro, era antes um

¹ o termo filme mudo não é o mais correto, pois todos os filmes tinham som, apenas denomina-se filme sonoro para os que tem uma banda de som já gravada – e sincronizada – na película

problema administrativo que técnico). Atualmente, os produtores têm administrado melhor a verba e o som dos filmes nacionais tem se mostrado de excelente qualidade.

6. MONTAGEM E FINALIZAÇÃO

Entende-se por montagem ou edição a ordenação dos planos filmados de tal maneira que formem um contínuo de ações que geram sentido de acordo com o roteiro. É como se um escritor pensasse previamente em todas as palavras que fosse escrever, e só depois de selecioná-las é que as colocaria em ordem para fazer sentido. É uma comparação exagerada, pois um escritor lida com milhares de palavras, e os cineastas lidam com algumas dúzias (ou centenas, no caso de um longa) de planos, um número muito menor de elementos. Mas a importância da montagem fica bastante clara através deste exemplo, pois o filme não está pronto sem este arremate importantíssimo, a ordenação dos elementos selecionados.

Neste quesito, seu trabalho não é apenas colocar em ordem, mas também imprimir ritmo e harmonia nos cortes de cada plano, de tal maneira que as mudanças de um plano para outro fiquem tão naturais que passem despercebidas.

Há pouco tempo atrás diferenciava-se montador de editor pelo primeiro ser aquele que exercia esta função no cinema, e o segundo no vídeo. Atualmente não há mais essa distinção e ambos podem ser chamados pelos dois termos, mesmo porque, cada vez mais, se edita cinema em suporte eletrônico. O montador pode trabalhar sozinho ou com um assistente, se for um filme longo ou com muitos cortes.

Toda a técnica da montagem, que pressupõe a impressão de um ritmo de ações, tem suas bases na cinematografia de D.W. Griffith e sua montagem paralela (quando se percebeu que era possível brincar com o tempo da ação dos personagens) e em Sergei Eisenstein, mestre russo que nos deixou dois importantes livros sobre o assunto, *A Forma do Filme* e *O Sentido do Filme*.

Já a finalização, a última etapa da produção de um filme, só está sendo considerada como etapa realmente relevante nas produções mais recentes de 5 anos atrás em diante, em que as possibilidades de ajustes e modificações na imagem final ficaram muito mais simples (mas não baratas) em função dos processos híbridos de intermediação digital.

A quantidade desses processos, bem como sua qualidade e suas possibilidades, variam bastante de acordo com a tecnologia (e principalmente segundo o orçamento), mas é preciso reconhecer já que a preparação para as filmagens, principalmente no que diz respeito à equipe de fotografia, deve atualmente levar em conta a maneira como o filme será finalizado. Ou seja, antes, a fotografia cuidava de toda essa parte. Hoje, ela divide a tarefa com um profissional que supervisiona a finalização, e que portanto pensará quais processos são mais adequados para alcançar a textura e o look da imagem final do filme. E o fotógrafo deve pensar no seu trabalho também em função disso.

Para maiores informações a respeito destes processos, consulte o capítulo sobre finalização.

BIBLIOGRAFIA

- CHESHIRE, David.** *Manual de Cinematografia*. H-Blume Ediciones, Madrid, 1979
DANCYGER, Ken. *Técnicas de Edição para Cinema e Vídeo*. Campus, RJ, 2003
GAGE, Leighton & MEYER, Claudio. *O Filme Publicitário*. SSC&B-Lintas, 1985
MALKIEWICZ, Kris. *Cinematography : A Guide for Film Makers and Film Teachers*, Simon & Schuster, 2nd edition, 1992
MONCLAR, Jorge. *O Diretor de Fotografia*. Solutions Comunicações, RJ, 1999
WATTS, Harris. *Direção de Câmera*. Summus editorial, SP, 1999